

GUASQUERIA: ARTESANATO, MEMÓRIA E IDENTIDADE

GUASQUERIA: CRAFTSMANSHIP, MEMORY AND IDENTITY

Recebido em: 18/07/2022

Aceito em: 30/08/2022

Juliana Porto Machado¹ 

Eduarda Porto Machado² 

Resumo: A guasqueria é um ofício artesanal realizado especialmente por sujeitos que estão relacionados ao saber-fazer de práticas campeiras. Principalmente as ligadas ao cavalo, uma vez que, os aparatos de montaria como selas, cordas, freios, rebenques e outros são feitos com couro-cru a matéria prima da guasqueria. Os sujeitos praticantes deste ofício são chamados de guasqueiros no Rio Grande do Sul (Brasil) e de guasqueros, sogueros e tranzadores no Uruguai. Seus produtores criam peças em couro cru, utilizando principalmente a técnica de tentos. Estabelecendo assim uma forte ligação entre o homem e o animal. Nesse sentido este texto tem por objetivo refletir acerca da produção de guasqueria em região de fronteira, com foco em Jaguarão-RS, considerando as memórias dos guasqueiros, a influência do mercado na construção dos objetos e adoção de novas técnicas para criar guasqueria. A metodologia utilizada foi pesquisa qualitativa, com entrevista semiestruturada com guasqueiros da cidade.

Palavras-chave: Guasqueria; Artesanato; Memória.

Abstract: Guasqueria is a craft performed especially by individuals that are related to the know-how of *campeira* practices. Mainly those related to horses, since the riding apparatus such as saddles, ropes, bridles, reins, and others are made of crude leather, the raw material of Guasqueria. The practitioners of this craft are called Guasqueiros in Rio Grande do Sul (Brazil) and Guasqueros, Sogueros and Tranzadores in Uruguay. Its producers create pieces in raw leather, mainly using the technique of *tentos*. Thus establishing a strong bond between man and animal. In this sense this paper aims to reflect on the Guasqueria in the frontier region, with focus on Jaguarão-RS, considering the memories of the Guasqueiros, the influence of the market in the construction of objects and the adoption of new techniques to create Guasqueria. The methodology used was qualitative research, with semi-structured interviews with Guasqueiros from the city.

Keyword: Guasqueria; Craftsmanship; Memory.

INTRODUÇÃO

A guasqueria, é um ofício manual, criado de forma artesanal em que se trabalha com a matéria prima couro cru, tendo como base tirar tentos³. O guasqueiro ao iniciar-se neste ofício deve aprender a dominar o corte de tentos, este é o elemento fundamental para a criação de uma

¹ Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL). Pesquisa sobre artesanato guasqueria. E-mail: julianamachado209@gmail.com.

² Graduanda no curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão. E-mail: eduardapm.aluno@unipampa.edu.br.

³ Tentos são pequenas tiras de couro cru.

obra duradoura (FLORES, 1960). Através do uso do couro cru, principalmente o bovino, o guasqueiro estrutura um processo de criação que se conserva até os dias atuais.

Sendo ele:

a obtenção da matéria-prima (o couro-cru animal, principalmente de bovinos) inicialmente através da chamada carneada, o estaquear o couro para secar ao sol, o lonquear de retirar os pêlos da pele, o cortar as guascas (tiras de couro), o sovar as guascas para amaciar, e por fim tirar os tentos (as tiras de couro de diferentes espessuras) para assim produzir as tranças. Esse processo é o elemento destacado por muitos sujeitos ao considerarem o porquê de se identificarem como guasqueiros, assunto tratado mais adiante (MACHADO; COLVERO, 2018, p.229).

A introdução do gado de origem bovina e os equestres na região da Pampa da América Latina no século XV, são o marco de memória utilizado para o surgimento da guasqueria. Em que o couro em abundância é utilizado para criar diferentes objetos, como roupas, abrigos e utensílios domésticos. O couro tornou-se um material com grande fluxo de comercialização e trocas. A carne neste período possuía pouco valor.

A chegada dos jesuítas no século XVI faz com que alguns animais passem a ser utilizados como alimentos e também, que esses de alguma forma passem por uma domesticação e confinamento (LUVIZZOTO, 2010). A chegada dos imigrantes no século XVIII tem como ponto de fixação a abundância do gado; assim:

O gado foi o principal motivo para a ocupação e fixação de portugueses em solo gaúcho. A Coroa garantia aos imigrantes a propriedade de um pequeno terreno, mas não seu sustento. Assim, somente em 1770 uma leva de imigrantes açorianos chegou à província para povoar a região das missões. Por causa das dificuldades de transporte, esse grupo se fixou na área onde hoje está a cidade de Porto Alegre. Praticavam a agricultura de pequena propriedade e tinham uma economia voltada para a pecuária (LUVIZZOTO, 2010, p. 23).

Com a formação das estâncias no referido século os animais são capturados e passam por um intenso processo de domesticação. Para auxiliar nesta etapa tem-se a centralidade na figura do peão, que conhece os animais e utiliza o cavalo para recorrer os campos. A necessidade de equipamentos equestres que auxiliariam na lida campeira, promove o início da produção de guasqueria⁴, assim identificada.

A guasqueria é um saber fazer aprendido e transmitido de sujeito para sujeito, de pai para filho e de peão para peão; que habitam o espaço rural em meio a estruturação de estâncias de exploração de gado. A ligação homem, animal e natureza fazem parte do ser guasqueiro.

⁴ A palavra guasqueria refere-se a couro, derivado da palavra Huasca de origem quéchua, do vocabulário inca.

Logo, a guasqueria pode ser compreendida como um ofício artesanal, cuja a mão e a mente do produtor de objetos em couro cru se apresenta em sintonia direta o objeto e contexto espacial e temporal.

Na atualidade, na cidade de Jaguarão, localizada no extremo sul do Estado do Rio Grande do Sul, esse saber fazer surge atuante no mercado informal, por meio de encomendas os guasqueiros conseguem sua sustentação financeira e conseqüentemente sua inclusão social em espaço urbano. Uma vez que, ao saírem do meio rural esses sujeitos tiveram que buscar alternativas de sobrevivência e começaram a produzir guasqueria, essa não apenas como uma profissão, mas como o elo permanente entre as memórias do passado e do presente, que modificam a identidade e a tradição desses sujeitos.

Pois, no passado esses sujeitos por serem peões iniciaram a produzir guasqueria para consertarem suas ferramentas de trabalho, já que os produtos possuem um preço elevado. A guasqueria neste contexto se apresenta como um modo de suprir uma necessidade e também, como elemento de troca entre mestre e artífice, transmissor e aprendiz, no qual, o peão em suas horas vagas ou em dia de chuva⁵ permanecia no galpão aprendendo a guasqueria.

Importante ressaltar, que os interlocutores entrevistados são filhos de peões e foram ou são peões. Esse fato é essencial para compreendermos que a guasqueria possui uma rede de compartilhamento de saberes comuns, em que a memória forte auxilia no aprendizado e na transmissão da técnica de guasquear. E que o espaço rural é um lugar de memória para esses sujeitos. Nesse sentido este texto tem por objetivo realizar uma breve reflexão acerca da produção de guasqueria em região de fronteira, com foco em Jaguarão-RS, considerando as memórias dos guasqueiros, a influência do mercado na construção dos objetos e adoção de novas técnicas para criar guasqueria. A metodologia utilizada foi pesquisa qualitativa, com entrevista semiestruturada com guasqueiros da cidade.

UMA QUESTÃO DE MEMÓRIA: BASE TEÓRICA

As memórias quando percebidas coletivamente estabelecem elementos comuns e de concordância, que auxiliam no compartilhamento e na rememoração. Sendo que, quando o indivíduo afastasse do grupo ao qual fazia parte, as lembranças que se encontram mais distante do presente tornam-se difíceis de ser acessadas sem a contribuição dos *outros*, principalmente das trocas de recordações dos momentos vivenciados em comum.

⁵ Quando não podiam fazer as tarefas externas no campo.

Cada sujeito irá pertencer a diferentes grupos e contextos ao longo de sua trajetória de vida e ao estabelecer conexões comuns entre o *eu* e *outro*, viabiliza a reconstrução, evocação e interpretação das lembranças do passado. Nesse viés, quando um sujeito cria uma imagem do passado estando em uma situação de pleno isolamento, e essa não está relacionada a nenhum grupo ao qual ele integra, encontrando-se em um primeiro momento sem referência social, deve-se considerar que a memória coletiva não irá interpretar sempre todas as lembranças de um sujeito, mas, ao pertencermos e formarmos grupos sociais acabamos por criarmos imagens, significados e conceitos coletivos, que sobrepõem a nossa memória individual (HALBWACHS, 2004).

Com isso, o sujeito social irá lembrar de imagens do passado de forma mais nítida com o suporte da memória e da consciência do grupo. Os guasqueiros apesar de apresentarem um distanciamento entre si, por não se reunirem em um mesmo espaço físico, os mesmos tem uma memória coletiva em que todos reconhecem seus pares, as técnicas e o *outro* como ser guasqueiro.

Existe a memória pura, que conserva o passado em todas as suas ações, mantendo uma imagem em seu estado original, uma memória de espírito, que só pode ser acessada por meio da consciência, uma vez que, e inimaginável as consequências que poderiam acontecer se todas as ações vividas do passado fossem acessadas por completo no presente ao mesmo tempo que estamos criando novas memórias (BERGSON, 1999).

Assim, o cérebro irá bloquear as ações da memória pura, impedindo que essa atinja plenamente a consciência, por isso, são liberados apenas pequenas frações de lembranças para responder a demanda do rememorar. Sendo uma memória espiritual a mesma pode ser atingida quando o sujeito se encontra vivenciado o sonho. Ela é tangível apenas ao espírito e se preserva intocável ao externo, ao material e ao social.

Em outra concepção, o autor precitado irá tratar das repetições de ações do passado que são realizadas de maneira mecânica, automática, sem a necessidade de praticar a ação de lembrar e a denominada memória hábito, quando o corpo realiza as tarefas de forma programada como falar, dirigir, caminhar e como no caso dos guasqueiros trançar os tentos. A memória hábito é ensinada e aprendida até se tornar algo corriqueiro e natural ao corpo (BOSI, 2001).

A autora irá destacar que o passado conservado em todos os seus detalhes e formas, só seria possível se o sujeito quando adulto permanecesse sem modificar nenhum de seus hábitos, signos e relações sociais e familiares que estabeleceu durante a infância, uma ação que é

inexequível, uma vez que a memória encontrasse inserida no meio social e cultural e nunca para de criar imagens do passado.

Mesmo se fosse possível alcançar o passado em sua totalidade, Halbwachs acreditava que em estado de sonho o presente ainda se manifesta, pois, o *eu* que sonha já está modificado no tempo presente, não há maneira de se desprender desse, assim como sempre tomaremos como referência os significantes e significados criados coletivamente para representar as manifestações do sonho (HALBWACHS, 2004).

Contudo, o ser humano é constituído de memórias que agem de forma automática, que não é necessário uma reflexão e evocação forte das lembranças, são os gestos e as linguagens corporais; o passado aciona o corpo indicando-lhe como se comportar essa forma de manifestação da memória é considerada uma protomemória (CANDAU, 2011). Os guasqueiros em seu ateliê iniciam a criação das peças utilizando a técnica de estruturação mencionada anteriormente, lançando mão da protomemória ou memória hábito, o corpo em sintonia direta com o espírito realiza o caminho do couro e sua transformação sem um exercício de reflexão exaustivo, ou seja, guasquear para os guasqueiros já se encontra intrínseco em suas memórias.

Já uma memória propriamente dita ou de evocação, surge do relembrar voluntariamente, do desejo de recordar pela “evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas, ou pertencentes a uma memória enciclopédia” (CANDAU, 2011, p. 23). Ao construir as bases de sustentação da identidade, seja ela coletiva ou individual, tem-se a metamemória, que é o meio pelo qual o sujeito irá compreender as lembranças evocadas e as representar no contexto externo. No momento que transmitimos nossas memórias a *outros* utilizando a metamemória. Logo, essa seria a única memória que poderia ser compartilhada coletivamente (CANDAU, 2011).

A memória então está em uma constante atualização do passado no presente, por isso essa breve trajetória sobre memória é necessária para compreendermos que a guasqueria é um ofício de transmissão de saberes e fazeres aprendidos no passado e reinterpretados no presente, se modificando a medida que seja necessário para se manter em atuação. A guasqueria então irá se conservar em uma constante transformação social e cultural, inicialmente se desenvolvia nas estâncias para suprir a necessidade de material voltado as atividades do campo, era produzida por peões que ensinavam seus filhos a consertar suas ferramentas e criar peças novas para comercializar quando possível nas estâncias próximas. Com os avanços tecnológicos no espaço rural, isso afetara a produção de guasqueria.

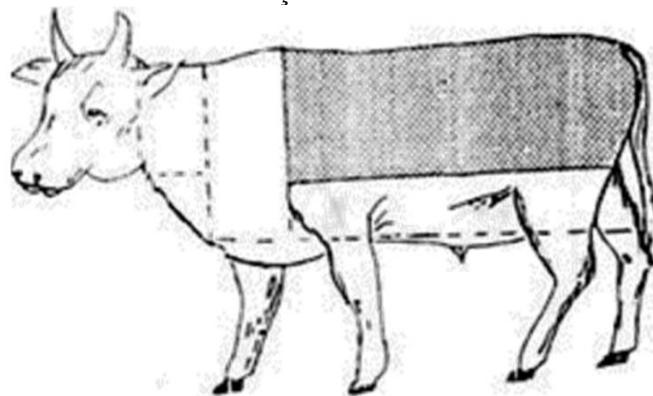
Pois, a contratação de mão de obras de peões reduz significativamente, ocasionando um fluxo migratório, do meio rural para o urbano. Já que, a mecanização do campo e as lavouras de soja fazem com que a pecuária não seja mais o cerne da produção econômica da cidade de Jaguarão. Com isso, o peão desposto de seu trabalho encontra no ambiente urbano dificuldade para se sustentar financeiramente e encontra na guasqueria uma solução, uma vez que, essa faz parte de sua bagagem cultural.

OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DE GUASQUERIA

A fase inicial para a criação de um objeto é o período em que o guasqueiro adquire a matéria-prima adequada. Na época em que as estâncias estavam em seu nível de produção pastoril alta, o guasqueiro conseguia o couro-cru através da carneada; muitas vezes era convidado para abater o animal e retirar o couro. O abate é realizado normalmente no galpão, em meio às ferramentas de trabalho ou próximo às mangueiras. Atualmente eles compram a matéria prima através das cooperativas e principalmente por encomenda do couro cru da cidade de Pelotas-RS.

Os guasqueiros explicam como era o método de carneada, no qual, existem algumas formas de abater o animal, as duas mais citadas são por meio da paralisação, utilizando-se uma ferramenta pesada com um machado ou marreta e batendo com essa na cabeça do animal, usa-se também arma. A seguinte seria a sangria, que consiste em amarrar e pendurar o animal, fazendo com que esse fique de cabeça para baixo, e com a faca fura-se a artéria principal na jugular. Considera-se um bom carneador àquele que não faz o animal sofrer; essa é uma qualidade indispensável. A carneada então é o meio de conseguir o couro, é necessária uma boa faca para não estragar o grupão (Figura 1) como afirma o guasqueiro P.P (2017).

IMAGEM 1 – REPRESENTAÇÃO DO GRUPÃO EM UM BOVINO



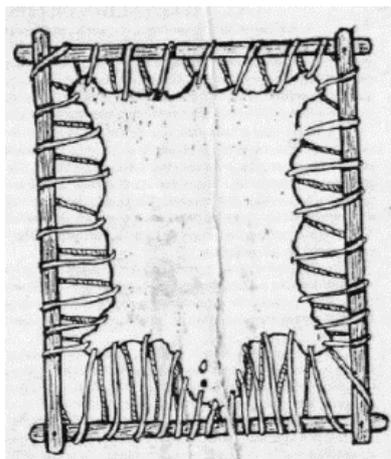
Fonte: Flores, 1975.

Os trabalhos. O grupão é a região do lombo, em destaque na figura acima, considerada a parte mais nobre, com excelência de textura. Já a cabeça e/ou pescoço, possuem um elevado grau de espessura, a pele é mais grossa e resistente diferente dos flancos em que a pele é mais sensível e se rompe facilmente. O couro verde⁶ é lavado para retirar restos de pele, gordura e sangue, depois o mesmo é estaqueado e colocado ao sol para secar. No processo de estaqueamento deve se ter alguns cuidados com o material para não danificar o couro, sendo eles:

- a — O couro estaqueado deve estar limpo, livre de gordura, resíduos de carne e coágulos de sangue;
- b — No verão, o estaqueamento deve ser feito com sol indireto; a ação direta dos raios solares sobre o couro torna-o quebradiço e ressequido;
- c — O couro deve ser estaqueado com o carnal para cima;
- d — O estaqueamento feito sobre uma parede de madeira, com o uso de pregos, é o mais indicado; nesse caso, a parte do couro correspondente à cabeça do animal deve ficar para baixo;
- e — Se o estaqueamento for feito sobre o chão, convém que o seja em terreno inclinado (a parte do couro correspondente à cabeça, para baixo (COELHO, p.28, 2016).

Para estaquear (Figura 2) utiliza-se um quadro de madeira ou varas formando um asterisco de cinco pontas em um quadro, fixa-se o couro neste quadro e põem para secar. Nessa forma de secagem o couro se conserva por um longo período.

IMAGEM 2 – ESQUEMA DE ESTAQUEAMENTO DO COURO



Fonte: Flores, 1975.

⁶ Recém tiradas do animal e não passaram por nenhum tratamento de conservação preventiva. Sua utilização deve ser feita dentro de poucas horas, para que não sofram uma decomposição bioquímica natural.

O couro quando totalmente seco (Figura 3) pode ser estirado em um espaço arejado, como o couro bovino exposto pelo guasqueiro M.C (2018) na figura abaixo.

IMAGEM 3 – COURO BOVINO SENDO LONQUEADO



Fonte: fotografado pela autora, 2018.

Com o couro ainda verde se realiza o processo chamado lonqueamento que consiste na raspagem do pelo que cobre a pele. A técnica tradicional está assentada na retirada desse pelo com o couro estendido sobre a perna do guasqueiro, em que este com a faca inicia a raspagem a partir da raiz, a favor do pelo, para as pontas. É uma maneira que demanda muito tempo e concentração, pois, qualquer corte no couro pode danificar o objeto a ser criado. Após a pela o couro é posto para secar ao ar livre.

O guasqueiro M.C (2018) menciona que utiliza a técnica de lonqueamento tradicional e também, a do cal; explica que esse método se apresenta com o mergulho do couro em um recipiente com água e cal, deixando-o imerso pelo tempo de dois dias. Nisso o pelo do couro fica mais maleável para lonquear. O guasqueiro M.C afirma que com este método ganha mais tempo para produzir. Aprendeu nos livros sobre esta ação. Já o guasqueiro P.P (2017) utiliza o processo tradicional de lonqueamento, da raspagem do pelo com a faca.

Após o lonqueamento, as loncas⁷ serão sovadas no sovador (Figura 4 e 5), para amaciar. O guasqueiro P.P (2015) explica que para sovar tem que ter jeito, não pode ser de qualquer maneira, senão irá quebrar o couro. Segundo o guasqueiro P.P deve-se sovar sempre pelo lado da carne, para não trincar; quanto mais tempo sovando mais maleável o couro irá ficar facilitando assim tirar os tentos para as tranças.

⁷ Couro depois da retirada dos pelos passa a ser denominado de lonca, de acordo com Coelho (2016).

IMAGEM 4 – GUASQUEIRO P.P TORCENDO A LONCA PARA SOVAR



Fonte: fotografado pela autora, 2016.

IMAGEM 5 – GUASQUEIRO P.P SOVANDO



Fonte: fotografado pela autora, 2016.

O guasqueiro M.C (2018), o mais jovem desta pesquisa, menciona que conhece poucos guasqueiros, mas que antes de aprender a fazer suas cordas, comprava peças do guasqueiro P.P temos uma ligação entre os guasqueiros, de certa forma uma comunidade de compartilhamento

do sensível. “Eu conheço um guasqueiro muito bom que é o seu P. P; quando eu não sabia fazer eu comprava dele” (M.C, 2018).

Ensina que:

Os macetes que o cara usa ao enrolar o couro e bate nele depois passa a mordança, para endireitar, cada um dos macetes tem uma função, até para usar para bater no furador. Tem o cravador redondo (rebolho) que usa para furar, o cravador ponta chata para fazer as bombinhas. Tem o alicate de marcar tento, para puxar a carretilha⁸ para sair parêlho, a gente compra o couro da cooperativa ou do matadouro, mas agora não está valendo a pena sai R\$ 350,00 recém carneado não vale a pena o cara tem que descarnar pelar tem toda a mão de obra, então compro na cooperativa inteiro, tem que secar e pelar, sai vinte e sete reais eu pelo a faca ou com cal, coloco na água com cal e sal no balde com água por uma semana e sai todo o pelo, coloquei no chão e puxei com a enxada saiu tudo, é mais rápido do que com a faca, eu seco na época do verão eu estaqueio ele de manhã e de tardezinha já está pronto, dá para trabalhar com ele, no inverno dois dias por causa da úmida ele fica molenga, eu corto esse couro em tira seu vou usar para travessão eu corto em tiras eu uso a parte do lombo que é mais grossa. Tiro a parte do lado em cima das costelas que é boa para as rédeas e uso as partes fininhas para fazer tranças. Eu gosto da trança de oito é a mais fácil para mim, mas dá para fazer de 04 e 06 tentos. A gente corta o couro, quando tem pelo, ai eu pego ele enrolo o couro e maceteio ele bem macetado, passo na mordança para ele amolecer bem o couro e quando está bem sovadinho eu tiro os tentos com a faca ou com a máquina⁹. Com a máquina sai tudo bem retinho e na mesma medida. Uso a lonca de cavalo para costurar e fazer trabalho mais fino. Eu tenho uma garra de agarrar o couro, assim que eu chamo, acho que é para isso que serve, agarra o couro e ajuda para tirar o tento (M.C, 2018).

Devemos destacar na fala do guasqueiro o caráter de repetição da guasqueria, elemento que a torna concreta e ativa no contexto atual. O guasqueiro M.C apresenta seus macetes (Figura 6) utilizados para a sova, mencionando que desconhecia que existiam mais de um para sovar, aprendeu sobre isso com outro guasqueiro já falecido. Como no caso dos cravadores de ponta redonda e chata que possuem diferentes funções. Quanto a matéria prima comprada dos estabelecimentos que vendem na cidade de Jaguarão, critica o alto valor pedido pelo couro *in natura* comercializado no matadouro, que segundo ele não compensaria a mão de obra que deve se empregar para torná-lo pronto para criar.

⁸ Furar para sair na reta.

⁹ Aparelho para tirar o tento, já mencionado anteriormente.

IMAGEM 6 – DIFERENTES MACETES DE SOVA DO GUASQUEIRO M.C



Fonte: fotografado pela autora, 2018.

Conta que mesmo que compre o couro sem precisar abater e carnear o animal, ainda deve se realizar o processo de estaqueamento para a secagem e lonqueamento, e depois sovar e cortar. Esse processo sempre se utiliza quando se trata de trabalhar com couro cru. Descreve o uso do cal para retirada mais rápida do pelo que torna possível realizar essa tarefa de forma mais dinâmica, o que economiza o seu tempo, já que não se dedica exclusivamente à produção de guasqueria, em razão de trabalhar como peão. No corte dos tentos utiliza a faca, mais seguidamente o saca tentos, em que os fios de couro saem da mesma espessura.

Existem máquinas para sovar o couro, a industrialização também se faz presente neste setor. Conta que recentemente adquiriu uma máquina de sovar, ela é movida a motor, nunca a utilizou, pois, o motor acabou por não funcionar. A máquina faria o mesmo processo que o guasqueiro P.P realiza com o macete, porém sem o emprego da força dos braços e em menor tempo. Todavia, a utilização de ferramentas mecanizadas por parte do guasqueiro está se tornando comum, tanto que o guasqueiro M.C adquiriu a sua de um outro guasqueiro, já falecido, que produzia produtos de guasca em grande escala.

A máquina (Figura 7 e 8) então é movida por um motor e em meio a roldanas, por onde é colocado o couro que será prensado pelas roldanas a partir da força de propulsão do motor. Essa mesma forma de roldanas é utilizada nas máquinas de sovar o couro manualmente, em que as roldanas entram em funcionamento a partir da força do braço no uso de uma manivela. Abaixo guasqueiro M.C apresenta sua máquina e a forma correta de utilizá-la, nas figuras respectivamente.

IMAGEM 7 – MÁQUINA DE SOVAR COURO



Fonte: fotografado pela autora, 2018.

IMAGEM 8 – GUASQUEIRO M.C DEMONSTRANDO O FUNCIONAMENTO DA MÁQUINA



Fonte: fotografado pela autora, 2018.

Dessa forma, quando a necessidade se faz patente, a industrialização apresenta mecanismos facilitadores para a produção, como define Kumar:

A modernidade, que fora definida como um “rompimento com a tradição, tornou-se em si uma tradição, a “tradição do novo”. Sob a força do modernismo, a modernidade veio a tornar-se nada mais do que inovação sem fim: mudanças intermináveis de estilo, ciclos intermináveis de modas (KUMAR, 2006, p.138).

O guasqueiro contemporâneo vem moldando sua produção para se manter ativo no mercado econômico, utilizando de novos designs para construir as peças, assim com o uso de diferentes matérias primas, como o couro industrializado (branco) e o fio encerado. Porém, mesmo com a inserção de tecnologias, a técnica base da guasqueria ainda permanece. Então, o couro cru depois de amaciado, será cortado em tiras (tentos) de diferentes espessuras e será iniciado o processo do trançado do couro (Figura 9). Sendo que com a utilização do couro branco (Figura 10) não permite a criação de tranças, já o uso do fio encerado possibilidade (Figura 11).

IMAGEM 9 – TRANÇAS EM COURO



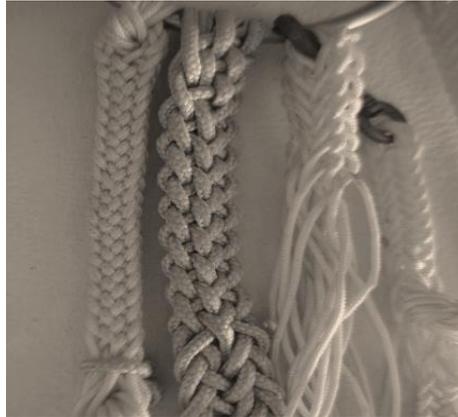
Fonte: fotografado pela autora, 2018.

IMAGEM 10 – COURO BRANCO



Fonte: fotografado pela autora, 2018.

IMAGEM 11 – FIO ENCERADO



Fonte: fotografado pela autora, 2018.

A partir do trançado em couro cru o guasqueiro irá criar laços, rebenques, cabeçadas, boleadeiras, maneias e outros objetos. Sendo que, pelo viés artesanal esses sujeitos começaram a criar objetos que não serão utilizados na lida do campo, mas que remete a esses, são os colares de tentos, brincos, botões, chaveiros, barbicachos e tantos outros. Fomentando assim, a renovação do mercado de guascas e do mercado informal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, nesta breve trajetória da produção de guasqueria podemos reconhecer que esse ofício está intimamente ligado a figura do peão e a do cavalo, que é um saber fazer de transmissão oral, que irá influenciar diretamente na identidade destes sujeitos. A técnica de trabalhar o couro cru se preserva e possibilita conhecer a realidade dos saberes do campo. Em outra perspectiva, temos o homem do campo buscando meios de rememorar suas identidades na zona urbana e adaptando-se suas obras as regras do mercado informal, com a utilização de novas matérias primas e a criação de novos objetos. Portanto, assim como a tradição, a guasqueria irá se modificar ao longo dos tempos, e será rememorada e reinterpretada de acordo com contexto que está inserida.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. SP: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos*. SP: Companhia das Letras, 1985.
CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2001.

FLORES, Luis Alberto. **El Guasquero: Trenzados Criollos**. Buenos Aires: Cesarini Hermanos, 1960.

KUMAR, Krishan. Modernidade e Pós-modernidade I: A idéia do moderno. In: **Da sociedade Pós-industrial à Sociedade Pós-Moderna**. Rio de Janeiro, Zahar, 1996.

LUVIZZOTO, Caroline Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

MACHADO, Juliana; COLVERO, Ronaldo. O Artesanato em couro cru: guasqueria, identidade e tradição no século XXI. **Geosul**, Florianópolis, v. 33, n. 69, 2018.